

Waglânia de Mendonça
Faustino e Freitas¹

Ana Tereza Medeiros Cavalcante
da Silva¹

Edméia de Almeida Cardoso
Coelho^{II}

Rebeca Nunes Guedes^{III}

Kerle Dayana Tavares de Lucena¹

Ana Paula Teixeira Costa¹

Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor

Paternity: social responsibility of man's role as provider

RESUMO

OBJETIVO: Analisar os significados atribuídos à paternidade por homens que são pais.

DELINEAMENTO DO ESTUDO: Estudo realizado em João Pessoa, PB, em 2003, desenvolvido sob abordagem qualitativa e enfoque teórico de gênero. Os participantes do estudo foram dez homens, cujos filhos eram atendidos no ambulatório de puericultura de um hospital escola. As informações analisadas foram obtidas por meio de entrevistas semi-estruturadas. Os depoimentos foram analisados pela técnica de análise crítica do discurso.

ANÁLISE DOS DISCURSOS: Os sujeitos do estudo concebiam a paternidade como um novo encargo social, vinculando-a mais à provisão material da família do que ao espaço de envolvimento afetivo com o(a) filho(a). Entretanto, os participantes experimentavam um processo de transição no qual o pai tradicional convivia entre aqueles cuja dimensão afetiva da paternidade apresentava-se como eixo central de preocupação do ser pai.

CONCLUSÕES: O significado e o exercício concreto da paternidade situaram-se num campo de responsabilidades que predominantemente reproduzem o pai tradicional mas também recriam o papel de pai, com inclusão da dimensão afetiva.

DESCRITORES: Paternidade. Relações Pai-Filho. Identidade de Gênero. Responsabilidade Social. Pesquisa Qualitativa.

¹ Grupo de Pesquisa Políticas Públicas de Atenção à Mulher e Gênero. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, Brasil

^{II} Departamento de Enfermagem Comunitária. Escola de Enfermagem. Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, Brasil

^{III} Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil

Correspondência | Correspondence:

Waglânia de Mendonça Faustino e Freitas
Departamento de Enfermagem em Saúde Pública e Psiquiatria
Centro de Ciências da Saúde
Universidade Federal da Paraíba – Campus I
Cidade Universitária
58059-900 João Pessoa, PB, Brasil
E-mail: waglaniafreitas@ccs.ufpb.br

Recebido: 22/8/2007

Revisado: 6/5/2008

Aprovado: 10/6/2008

ABSTRACT

OBJECTIVE: To analyze meanings attributed to paternity by men who are fathers.

STUDY DESIGN: Study with a qualitative approach and gender-theory focus, performed in the city of João Pessoa, Northeastern Brazil, in 2003. A total of ten men, whose children had been cared for in the pediatric outpatient clinic of a university hospital, participated in the study. Information analyzed was obtained with semi-structured interviews. Critical discourse analysis technique was employed to analyze participants' speech.

DISCOURSE ANALYSIS: Participants in the study viewed paternity as a new social role, more closely associated with material support for the family than the dimension of affective involvement with the child. However, participants experienced a transition process where the traditional father lived with those whose affective dimension of paternity was found to be the main concern of being a father.

CONCLUSIONS: The meaning and concrete exercise of paternity were found in an area of responsibilities that predominantly reproduces the traditional father, but also recreates the father's role, including the affective dimension.

DESCRIPTORS: Paternity. Father-Child Relations. Gender Identity. Social Responsibility. Qualitative Research.

INTRODUÇÃO

Homens e mulheres inserem-se na vida familiar segundo referenciais de gênero, apreendidos ao longo da vida e que determinam funções socialmente legitimadas. “Homem, masculino e pai são qualificações que definem um modo de inserção do sujeito na cultura da qual ele faz parte [...] juntas definem um padrão de comportamento a ser seguido pelos homens”.¹⁴

Por outro lado, a reprodução social dos modelos masculino e feminino tem em sua base a maternagem,⁶ cujo valor cultural tem um sentido ideológico na produção das desigualdades entre os sexos. Entende-se por maternagem (“mothering”) e paternagem (“fathering”) os cuidados maternos e paternos, respectivamente.⁶ As mulheres, como mães, são agentes decisivos na esfera da reprodução social, pois são as que mais participam da educação, transmitindo aos filhos as ideologias vigentes na sociedade.⁶ Ao homem, o modelo patriarcal outorgou o poder de estabelecer na trama doméstica o diálogo com a família quando lhe convém, cabendo às mulheres a responsabilidade de manter a harmonia das relações parentais no âmbito privado.

Todavia, as transformações sociais que vêm ocorrendo no espaço público e privado, sobretudo a partir da década de 1960, afetaram a forma de viver e de construir a identidade de gênero. No mundo do trabalho, as conquistas do movimento feminista são facilmente observáveis com a inserção das mulheres em atividades antes reconhecidas como exclusivamente masculinas, bem como

no espaço privado em que homens compartilham com mulheres os cuidados com a casa e com os filhos. Nesse sentido, “a aceitação pelos parceiros, da participação feminina no mercado de trabalho remunerado representa uma drástica reformulação da identidade masculina tradicional enquanto provedor da família.”⁹

Essas mudanças não se limitaram ao universo feminino, influenciando também a paternidade sendo incomum observar modelos familiares organizados por rígido patriarcado. A visão “engessada” da paternidade que impedia o homem de participar da vida doméstica passa a ser vista dentro de um contexto social que gerou modalidades diversas do ser pai, além de indicar o declínio do patriarcado e as mudanças nas relações parentais, constituindo foco de pesquisas.^{8, 17, 18}

Tais mudanças são influenciadas pela inserção das mulheres na esfera pública, cujas liberdades de pensamento, ação e aquisição de poder financeiro, vêm possibilitando o direito de decidir sobre sua vida e escolher seus parceiros. No cenário doméstico, o número de lares chefiados por mulheres tem crescido, revelando uma posição social cada vez mais comum nos arranjos familiares.¹⁶ Assim, “antes de assimilar o esboço de nova configuração familiar, modelado no processo que introduziu a mulher no mercado de trabalho, o homem é surpreendido pela ruptura da hierarquia doméstica e pelo constante questionamento de sua autoridade”.¹¹

A crise da masculinidade tem levado, desde a década de 1970, um coletivo de homens a refletir sobre sua própria experiência no patriarcado¹⁰ e seu papel no cenário doméstico e nas relações familiares. Todavia, um conjunto de crenças e valores sobre o masculino e o feminino, construídos social e culturalmente a partir das diferenças entre os sexos, determina a formação de um sistema simbólico que norteia e sustenta, no mundo público e privado, a vida dos homens e a das mulheres.

Sob esse aspecto, as representações sobre as mulheres e o tratamento dado a elas pela sociedade provêm das funções familiares relacionadas com vínculos pessoais e afetivos, enquanto as representações sobre os homens provêm predominantemente de relações ligadas à organização da produção.⁶

Há perspectiva que se ampliem as mudanças quanto a maior participação do homem no espaço familiar, todavia, ainda está distante a divisão equitativa de responsabilidades. Assim, para que os homens vivenciem a paternidade de modo equânime e não apenas mais participativo é preciso que homens e mulheres repensem seus atributos sociais em meio à complexidade dessa vivência, reconhecendo que a paternidade constitui uma oportunidade de os homens ampliarem suas dimensões internas e renovarem sua relação com a vida. Nesse sentido, as responsabilidades sociais impostas ao pai provedor também lhes trazem prejuízos no campo da subjetividade, uma vez que as ações estabelecidas são exercidas sobre rígidos parâmetros socioculturais.¹⁸

Resultados de pesquisa, observações empíricas e o contexto atual de transformação das relações de gênero em que se insere a paternidade motivaram esta investigação. Assim, o presente estudo teve por objetivo analisar os significados atribuídos à paternidade de homens que são pais.

DELINEAMENTO DO ESTUDO

Em desenho de estudo qualitativo, com enfoque teórico de gênero, os participantes foram dez homens, cujos filhos eram atendidos na puericultura de um hospital escola, em João Pessoa (PB). As entrevistas foram realizadas no período de maio a abril de 2003. Foram adotados como critérios de inclusão: residir no município de João Pessoa; ter mais de um filho com a companheira, por possibilitar experiência mais ampla com a paternidade; e morar na mesma residência dos filhos e da companheira. O número de sujeitos participantes do estudo foi definido a partir de recorrências, repetições e redundâncias identificadas nos textos produzidos pelas entrevistas, possibilitando que fossem reveladas as posições sociais requeridas pela técnica utilizada na análise qualitativa.

As entrevistas foram realizadas em visita domiciliar durante dois meses e gravadas. Foi utilizado um roteiro

semi-estruturado com duas questões norteadoras: a experiência como pai e o significado que a paternidade confere ao homem no espaço familiar.

Os depoimentos dos sujeitos foram analisados pela técnica de análise crítica do discurso,⁷ na qual o texto é uma organização dotada de mecanismos de coerência interna e externa, e são apreendidas as visões de mundo dos sujeitos discursistas.⁷

Seguindo as etapas da técnica adotada,⁷ depois de produzidos os textos (relatos transcritos), procedeu-se à identificação dos temas recorrentes, organização dos blocos de significados, caracterização das fases da narrativa, confronto com o referencial teórico de análise e formulação da categoria empírica correspondente.

O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética e Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. Os nomes dos sujeitos do estudo foram substituídos por nomes fictícios.

ANÁLISE DOS DISCURSOS

A maioria dos participantes tinha entre 20 e 33 anos. O tempo dos relacionamentos variou entre 2 e 7 anos, predominando a união consensual. Os pais tinham entre dois e três filhos. Dos dez participantes, quatro estavam desempregados. A renda mensal variou entre um e seis salários mínimos, sendo o salário mínimo na época do estudo R\$ 200,00. Por ocasião da pesquisa, os homens se referiram como provedores da família, à exceção de um. Todos os participantes eram alfabetizados, predominando o ensino fundamental e médio incompletos.

A técnica analítica utilizada permitiu a revelação das contradições e a dinâmica de transição do modelo de pai tradicional/novo pai, constituindo a categoria empírica apresentada e discutida.

Encargo social que legitima o homem como provedor

Os posicionamentos assumidos pelos participantes acerca da paternidade indicaram a vivência da paternidade como um atributo social. O termo “responsabilidade” constituiu o eixo temático apontando a paternidade mais como aquisição de um novo encargo social do que como espaço de envolvimento afetivo com o filho. Esse encargo aparece associado à preocupação com o bem-estar dos filhos, no sentido de lhes garantir a subsistência e proteção.

“A melhor palavra que define tudo é responsabilidade. É o peso. Você nunca vai ser como antes. Vai ter que ter sempre responsabilidade com ele. [...] A responsabilidade de sempre ampará-lo, de assumir. [...] Qualquer decisão que eu tomar, não é só mais eu”. (João, 22 anos, desempregado)

Os homens que restringiram a paternidade à responsabilidade assumiram-se como provedores materiais e guardiões da família, sob o modelo de pai tradicional. A identidade de pai, nesse sentido, vem alicerçada na identidade masculina, sendo o papel de pai construído segundo padrões de gênero que vinculam a imagem de homem ao referencial de masculinidade hegemônica, o que implica equivalência entre ser homem e ser forte, capaz e provedor.⁸

A responsabilidade apresentada nos relatos reflete a ideologia patriarcal como uma pressão social sobre o homem, gerada pela imposição de papéis que, quando não cumpridos, põem em xeque sua masculinidade. Embora tal representação traga consigo a referência do pai que ampara, não permitindo que o filho sofra, é vivida internamente pelo homem de modo paradoxal, pois se dá quase sempre distante da dimensão afetiva pai-filho. Isso denota que, para esses homens, os aspectos subjetivos relacionados com o amor, carinho e afeto não são *a priori* associados ao significado de pai. Sob esse ponto de vista, o modelo de pai provedor é o modelo do bom pai, imagem esperada socialmente pelo homem.^{1,12}

Outro aspecto observado diz respeito à redução da liberdade de tomar decisões e gerir a própria vida ao se referir que não pode “ser como antes e qualquer decisão que eu tomar, não é só mais eu”. Nesse sentido, a paternidade é concebida como encargo, uma vez que, sendo pai, tem que diminuir ou re-significar sua liberdade¹² e o domínio sobre sua vontade. Esses aspectos de autocontrole regulam a masculinidade na sociedade em que o ser homem está relacionado a ser culturalmente dominador e controlador.

Assim, foi predominante nos depoimentos o discurso da paternidade como encargo social que legitima o homem com a qualidade de provedor, referencial de pai chefe de família, incorporado ainda na infância quando os meninos aprendem que cabe a eles tomar decisões sem demonstrar fraquezas. A expressão “É o peso” referindo-se à responsabilidade tem o sentido de missão natural da paternidade: o pai se ocupa do sustento material da família e a mãe de seus cuidados de forma que na relação pai-mãe-filho cotidianamente vivenciada observa-se o mecanismo ideológico de reprodução do conservadorismo do *status quo*.^{5,8}

O tornar-se pai também é percebido como o ponto de mutação entre a infância e a vida adulta. Nesse aspecto, o filho transforma a vida do pai, no sentido de fazê-lo perceber que, sendo pai, é menos filho e mais adulto, o que resulta em ser objeto de identificação para seu filho.^{4,15} O nascimento é o marco dessa mudança em que a figura do filho remete o homem à necessidade de “olhar a vida por um prisma diferente, com novas tarefas, responsabilidades e sentimentos”.¹³ Nesse sentido, “o que parece configurar a passagem da fase adolescente para a vida adulta é a incorporação de responsabilidades

que, no caso do homem, está praticamente associada ao comportamento sexual e reprodutivo”.²

Portanto, a paternidade é um constituinte da identidade adulta do homem e representa a certeza de ter concluído mais uma fase da vida e de começar uma outra com novas experiências e compromissos sociais, sendo a provisão material o eixo orientador. Ser pai é, além de garantir a sobrevivência do filho, construir um aprendizado que se perpetue nos netos, bem como garantir a sua própria sobrevivência na velhice:

“Sou eu que tenho que dar tudo a ele, pra comer, viver. Fazer tudo para eles não sofrer. Não passar necessidades, também pra ver que eu faço tudo por eles, quando eles crescerem, se entenderem de gente, pra fazer as mesmas coisas com os filhos deles e tomar cuidado comigo. Ver que eu fiz de tudo por eles”. (Francisco, 33 anos, caminhoneiro)

Nesse sentido, o sujeito inscreve no filho a sua imagem, a fim de se perpetuar nele, construindo subjetivamente na sua descendência, o referencial simbólico de bom pai. Esta é uma forma de reproduzir na relação pai-filho atual, a relação pai-filho vivida no passado,^{14,15} garantindo-a também no futuro. Assim, o ser pai é um papel socialmente produzido e reproduzido no enfoque do paternalismo dominante ainda nos dias atuais.¹⁵ O paternalismo é uma categoria social, que reconhece no pai provedor o modelo de homem a ser seguido por meio dos papéis sociais que ele deve exercer. Desse modo, valoriza sua masculinidade, além de incentivá-la na elaboração da identidade de gênero dos seus filhos-homens.³

A paternidade, para o sujeito que veicula o discurso do pai provedor, também vem associada a uma relação de troca de favores, no sentido de gerar no filho sentimento de gratidão.^{4,15} Trata-se de uma forma de relacionamento baseada em relações pouco afetivas, autoritárias e indiferentes predominantes nas relações familiares da década de 1950, em que o pai tinha um caráter majestoso, cujos “vínculos de gratidão eram uma exigência de quem estava querendo receber afeto e, por esta razão, dava-os aos filhos através de suas responsabilidades materiais”.¹⁴

Os depoimentos analisados no presente estudo remetem a uma visão de paternidade pautada na preocupação com o futuro, sob o enfoque da provisão material, restringindo as necessidades dos filhos a essas mesmas bases. Embora a provisão não seja a única concepção da paternidade, é a mais valorizada e a mais comumente relatada por pesquisas sobre esse tema.^{1,4,11,12} No presente estudo, a maioria dos participantes construiu o retrato do pai orientado pela cultura patriarcal que obstaculiza a vivência da conjunção corpo e mente entre pai e filho, esta essencialmente dependente de trocas afetivas.

Tendo em vista o estudo ter sido desenvolvido com homens inseridos em famílias nucleares, foi investigada

sua atuação no cotidiano familiar, a partir de seus relatos sobre ações concretas. Os discursos sobre o tema revelaram relações de poder, conforme o depoimento a seguir:

“Atribuir um bom estudo, uma boa educação [...] uma boa instrução, indicar bons amigos. Não deixar, por exemplo, minha filha ficar com meninos na rua, só com os meninos, mais ou menos isso”. (Henrique, 31 anos, policial)

A preocupação em separar meninos e meninas, com sentido de proteção do sexo feminino, está alicerçada na educação sexista. Nesta, as concepções vêm mascaradas pela ideologia dominante nos conceitos sociais incorporados como moralmente corretos ou incorretos. Na imposição de comportamentos feminilizantes, as diferenças entre os sexos vão-se constituindo como desigualdades que, naturalizadas no processo de socialização da filha, moldam desde cedo sua identidade com restrições da liberdade e da igualdade entre os sexos que se refletem nas ações do mundo público.⁶

O segundo aspecto da responsabilidade com a educação refere-se à educação formal e religiosa dos filhos. No discurso a seguir, o pai reproduziu seus valores na educação dos filhos e considerou a educação formal e religiosa igualmente primordiais para o desenvolvimento pessoal. Esse entrevistado valorizou o pai presente, sensível às necessidades dos filhos e aberto ao diálogo:

“É... estar sempre presente ao lado do filho, procurando sempre conversar. Também procurar guiá-lo nos seus estudos [...] Também guiar para uma vida cristã... Desde o início é procurar tentar levar para isso aí. Acho que seria o principal, o fundamental”. (José, 33 anos, radialista)

No discurso em análise, a relação pai-filho representa um salto qualitativo porque se ampliam as relações para além da relação material, uma vez que há envolvimento do pai em atividades comumente associadas à mãe, como acompanhar o desenvolvimento escolar e ensinar-lhe preceitos religiosos. Para esse pai, a díade educação e fé representam a base social da formação do indivíduo.

Por outro lado, a preocupação com a educação cristã referida no relato tem suporte na idéia de moralidade e de dever do cristianismo, de forma que “a virtude é a obrigação de cumprir o que é ordenado pela lei divina”.⁵ No depoimento, a educação religiosa configura-se como espelho que deve refletir os valores que vêm sendo reproduzidos de pai para filho desde o século XII, quando a Igreja Católica intervinha firmemente na educação dos filhos e na moral da família. Passados nove séculos, o filho permanece como “repositório divino”, cujo pai é o responsável por manter esse processo educativo. A idéia de ser um bom cristão está baseada na hierarquia entre pai-filho cuja referência

paterna é o Deus-Pai Todo Poderoso que está no céu e, o filho é a ovelha terrena que deve ao Pai amor e obediência incondicional.

As posições sociais de sujeitos no presente estudo sobre paternidade não se limitam ao aspecto financeiro do provimento paterno. Houve os que se referiram às suas responsabilidades como pai de modo mais amplo, extrapolando o universo das responsabilidades sociais como provedor: *“Tudo, me preocupo com meu filho... Como é que meu filho está passando, se está sentindo alguma coisa, se está doente, se está faltando alguma coisa [...] Acho que tudo. Em relação à saúde, em relação a vestir, em relação a cuidados, em relação a amor, em relação a carinho.”* (Antônio, 28 anos, restaurador de patrimônio)

Nesse depoimento, há uma visão da paternidade que rompe seu papel tradicional ao incluir em sua fala aspectos vinculados ao envolvimento afetivo e ao cuidado no mundo familiar. Viver uma relação de carinho ao mesmo tempo em que nutre, protege e educa, permite a pais e filhos experimentarem em plenitude suas relações sociais, o que constitui a mola propulsora para uma mudança efetiva nesses relacionamentos. Esse modelo de paternidade é parte de um movimento que se fortalece no presente, negando a predominância das relações tradicionais pai-filho cuja forma de viver a paternidade era pautada no sentimento de abandono afetivo do filho por seu pai.¹⁴ Subjacente a essa afirmação há o desejo de romper os estereótipos que fazem os homens incorporar a “máscara” de machos, fortes, viris e infalíveis.

A função financeira evocada socialmente é importante do ponto de vista da sobrevivência, mas não se sobrepõe às necessidades subjetivas de carinho, amor, afeto e atenção de meninos e meninas, homens e mulheres. Nessa perspectiva, paternar é, além de romper com valores sociais obsoletos, dar oportunidade à criança de construir a identidade de gênero desvinculada do modelo que nega ao homem o direito de se aproximar e de viver sentimentos e emoções com os filhos^{11,18} Isto porque “as crianças ganham mais em situações onde o amor e o relacionamento [e o cuidado] não são um recurso escasso controlado e manipulado por uma só pessoa.”⁶

Em síntese, vislumbram-se mudanças de paradigma. Alguns homens começam a se preocupar em paternar o filho, acompanhando seu crescimento e desenvolvimento de modo mais próximo, realizando cuidados socialmente considerados femininos de modo que o provedor afetivo vem emergindo no provedor material. As relações de autoridade vão dando espaço a relações permeadas por afeto e negociações, possibilitando que pais e mães compartilhem os cuidados e estreitem os vínculos afetivos com os filhos, de forma que a paternagem colabora para a ruptura de estereótipos de uma masculinidade insensível e intocável.

CONCLUSÕES

No presente estudo, os homens/pais entrevistados apresentaram posições sociais reveladoras de algumas transformações ocorridas no âmbito das responsabilidades masculinas. Contudo mantém-se a hegemonia do modelo patriarcal. O homem continua a entender seu papel de pai predominantemente como provedor material e moral da família, contrapondo-se à necessidade da divisão de responsabilidades emergentes das mulheres e ao princípio de que a educação dos filhos deve ser permeada pela proximidade física e afetiva de pai e mãe. Sendo assim, entre os papéis sociais de gênero, que acompanham mulheres e homens em todas as fases do seu ciclo vital, persistem os do modelo tradicional orientando o trabalho masculino para a produção e o feminino para a reprodução biológica.

No entanto, as concepções de paternidade mais envolvida em sua intensidade afetiva e nos cuidados também estiveram presentes entre os homens entrevistados, indicando que a relação familiar vivida na atualidade tem modificado qualitativamente o significado do ser pai. Nesse sentido, o “novo pai” visita o pai tradicional, dotando a paternidade de sentido mais amplo, para além

do papel de provedor material. Esse movimento dialético indica as possibilidades de mudanças na qualidade das relações parentais.

Assim, a pluralidade de formas de viver a paternidade relatada pelos sujeitos entrevistados indica mudanças possíveis na vivência da masculinidade e no modo de exercer a paternidade na atualidade. Reconhecer que o modelo hegemônico de masculinidade e paternidade traz prejuízos nas relações homem/mulher, pai/filho e na tríade familiar pai/mãe/filho é o primeiro passo para (re)significar essas relações sociais.

Todavia, avançar na superação do modelo de paternidade hegemônico requer políticas públicas direcionadas a inserir os pais no contexto dos cuidados e das experiências mais afetivas. O ser homem e o ser pai na sociedade e na família devem ocupar lugar de destaque nas discussões de planejamento educacional, econômico e de saúde. Portanto, tais mudanças não devem se limitar aos espaços de transformações exteriores, mas ser incorporadas às visões de mundo e ao modo de ser-no-mundo. Assim, caminhar-se-á para relações mais equitativas entre homens e mulheres, transformando a geração de pais que hoje vive no papel de filhos.

REFERÊNCIAS

- Almeida AFF, Hardy E. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. *Rev Saude Publica*. 2007;41(4):565-72. DOI: 10.1590/S0034-89102007000400010
- Arilha M. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”, In: Arilha M, Ridenti GU, Medrado B, organizadores. Homens e masculinidades. 2ª ed. São Paulo: Editora 34; 2001. p.51-8.
- Bleichmar ED. O feminismo espontâneo da histeria. Porto Alegre: Artes Médicas; 1988.
- Bustamante V. Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicol Estud*. 2005;10(3):393-402. DOI: 10.1590/S1413-73722005000300007
- Chauf M. Convite à filosofia. 13ª ed. São Paulo: Ática; 2004.
- Chodorow, N. Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1990.
- Fiorin JL. Linguagem e ideologia. 7ª ed. São Paulo: Ática; 2003.
- Freitas WMF, Coelho EAC, Silva ATMC. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad Saude Publica*. 2007;23(1):137-45. DOI: 10.1590/S0102-311X2007000100015
- Giffin K, Cavalcante C. Homens e reprodução. *Rev Estud Fem*. 1999;7(1/2):53-71.
- Giffin K. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Cienc Saude Coletiva*. 2005;10(1):47-57. DOI: 10.1590/S1413-81232005000100011
- Gomes AJS, Resende VR. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psic Teor Pesq*. 2004;20(2):119-25. DOI: 10.1590/S0102-37722004000200004
- Levandowski DC, Piccini CA. Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psic Teor Pesq*. 2006;22(1):17-28. DOI: 10.1590/S0102-37722006000100003
- Maldonado MT, Dickstein J, Nahoum JC. Nós estamos grávidos. 11. ed. São Paulo (SP): Saraiva; 2000.
- Nolasco S. O mito da masculinidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco; 1995.
- Olavarria J. Ser padre em Santiago de Chile. In: Fuller N, organizador. Paternidades em America Latina. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú; 2000. p.241-75.
- Peruchi J, Beirão AM. Novos arranjos familiares: Paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar das mulheres chefes de família. *Psicol Clin*. 2007;19(2):57-69. DOI: 10.1590/S0103-56652007000200005
- Schraiber LB, Gomes R, Couto MT. Homens e saúde na pauta da saúde coletiva. *Cienc Saude Coletiva*. 2005;10(1):7-17. DOI: 10.1590/S1413-81232005000100002
- Torrão Filho A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cad Pagu*. 2005;24:127-52.